

SOBRE ALGUNS MAMIFEROS DO SUDESTE DO PARÁ (*)

CORY T. DE CARVALHO

Como contribuição ao conhecimento da masto-fauna amazonica, apresentamos mais uma simples lista faunística anotada dos mamíferos capturados em uma excursão realizada pelo autor e pelos taxidermistas José Hidasi e Manuel Amaral, durante os meses de julho a outubro de 1957, em área compreendida entre os rios Araguaia e Xingú. Parte da coleta foi feita na borda do planalto central, entre 200 a 400 metros de altitude e em áreas florísticas bem demarcadas (campos do Brasil Central), parte na hileia amazonica.

Os locais de coleta, todos dentro do Estado do Pará, são descritos a seguir.

Conceição do Araguaia. Na margem esquerda do rio Araguaia. Colecionou-se ao sul da cidade, em zona de campo cerrado, formação idêntica à da margem oposta do mesmo rio, em território goiano; terreno arenoso, típico do vale do Araguaia na região. As grandes reservas de mata à esquerda do rio, alguns quilômetros ao norte da cidade, não foram visitadas.

Gradaús ou Posto Indígena de Atração Gorotire. À margem do rio Fresco, que é afluente da margem direita do médio Xingu. Rio típico de planalto, com inúmeras corredeiras e cachoeiras, indicando um declive bem acentuado. Possui em suas margens matas ciliares, úmidas e alagáveis na estação chuvosa, de largura variável, grosseiramente calculada em de alguns até duzentos metros. Além dessas matas ciliares, há campos cerrados e capoeiras, pois a região já foi razoavelmente povoada. Também encontramos capões de matas nas vertentes e nos pequenos cursos de água. O terreno é predominantemente rochoso (em decomposição), localmente conhecido como "gorgulho".

Riosinho, no Posto Indígena de Atração Nilo Peçanha ou Kubenkrankégn. Afluente da margem esquerda e quase na foz do rio Fresco, correndo do sul para o norte, vindo do planalto mato-grossense e descendo em verdadeiros degraus, formando alternadamente, cachoeiras e poções. Uma das grandes cachoeiras, a da Fumaça, cerca de 1 km. abaixo da aldeia, é um paredão abrupto de rocha, com leve inclinação para o sul e com direção aproximada nordeste-sudoeste, com uma queda a pique de vinte metros ou mais de altura; em frente à própria aldeia há outra pequena queda de cinco metros, além de outras menores entre as duas.

Como no local anterior, há campos e matas, sendo aqui a região de relevo muito mais acidentado, com elevações até cerca de 400 metros. As matas marginais são muito mais densas, estendendo-se ininterruptamente até a margem do rio Xingu. Os campos são extensos, e comumente ocupam áreas elevadas, como no topo das chapadas, onde se estendem a sumir de vista em direção sudeste. Há, nesses campos, gramíneas em abundância e, entre outros pequenos arbustos, destacamos a mangabeira (*Hancornia speciosa*) e um cajueiro de frutos diminutos (*Anacardium microcarpum*), flora essa que liga, em aspecto florístico, esses campos aos do Brasil Central, segundo Ducke & Black (5).

Na mata, predominam, entre outras espécies não identificadas, a conhecida árvore do caucho (*Castilloa* sp.), castanheira (*Bertholetia excelsa*), cedro (*Cedrella* sp.) e, no sopé dos morros ao norte e leste, o cumaru (*Coumaronna* sp.); nenhuma delas é explorada economicamente.

Departamento de Zoologia, Secr. Agric., São Paulo, S. P.

(*) Trabalho elaborado em 1958 no Museu Paraense «Emílio Goeldi», Belém, Pará.

Incluimos no presente trabalho um mapa da região, com os locais assinalados (sendo o do Riosinho por aproximação), bem como um pequeno glossário da lingua Kayapó, para a determinação dos mamíferos da região, como auxilio a futuras coletas ou interpretação de narrativas indigenas relacionadas a esses animais.

Agradecemos ao Cel. Luiz Guedes, diretor do Serviço de Proteção aos Índios, a aquiescencia em visitarmos os Postos Indigenas de Atração dos Kaypós na região acima, bem como aos Srs. encarregados Sothero Ramos e João Mendes pela acolhida, e aos outros funcionarios dos referidos postos pelos auxilios prestados, principalmente nas coletas noturnas.

MARSUPIALIA

FAMILIA DIDELPHIDAE

Philander philander philander (Linné, 1758)
"Jupati". 1 ♂, Conceição do Araguaia, 22 set. (pele e cranio).

Possuindo o Museu Goeldi bastante material (exclusivamente peles), das varias localidades do Baixo Amazonas, verificamos variações no colorido dorsal dessas cuicas de pelame lanoso, sendo os exemplares do leste da Amazonia, ao sul do rio Amazonas, bem mais canelinos no dorso, diminuindo de certo modo a intensidade da cor para oeste e sul de sua area de distribuição.

Monodelphis brevicauda emiliae (Thos., 1902),
"Mucurinha". *Monodelphis tricolor emiliae*,
Vieira, 1955: 350. 1 ♂ Gradáus, 1.º set.; ♀,
Riosinho, 11 ago.

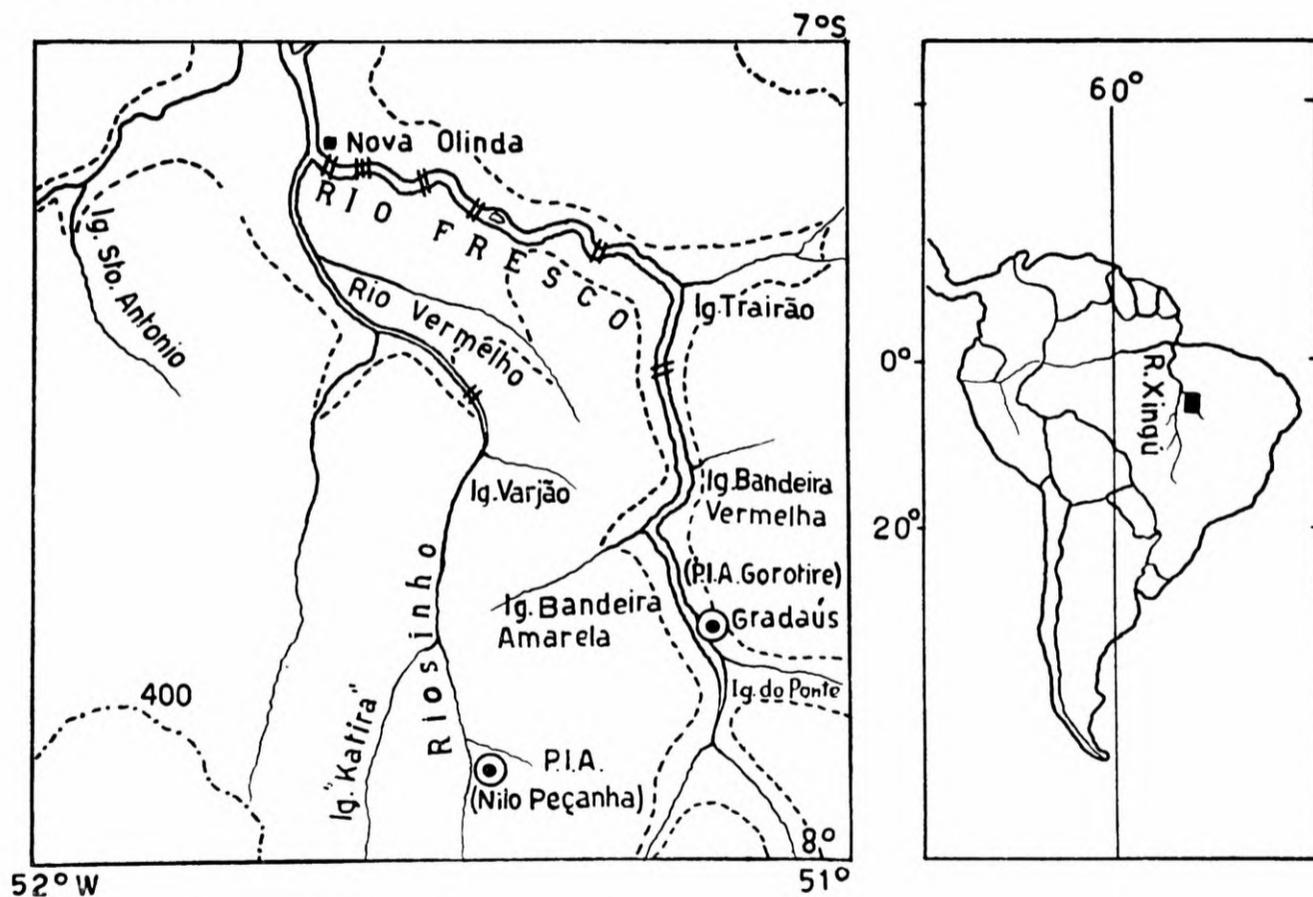


Fig. 1 — Localidades de coleta nos rios Fresco e Riosinho, assinalados como P.I.A. Gorotire e P.I.A. Nilo Peçanha, excluindo-se Conceição do Araguaia por ser facilmente encontrada em mapas.

LISTA SISTEMÁTICA

Na presente lista, usamos a nomenclatura adotada por Vieira (23), em sua Lista Remissiva dos Mamíferos do Brasil, salvo casos expressos em que discordamos.

Ha, na coleção do Museu Goeldi, uma femea jovem, sem cranio, identificada

por Thomas, que é certamente um paratipo. Infelizmente, esse exemplar está muito descolorado, pouco servindo para comparação de colorido.

Nos dois exemplares coletados, a cabeça e dorso são enegrecidos, finamente tracejados de claro, com leve tom olivaceo, tornando-se ferrugineo em re-

dor dos olhos, especialmente na sua frente, e mais claro abaixo deles e nos flancos até a parte superior das coxas e base da cauda. Na fêmea, o colorido é mais forte que no macho. A cor do abdomen é uma mistura de camurça e cinzento, sendo a mandíbula e garganta apenas cinzentas.

As mamas são 9, inguinais, distribuídas em ferradura, sendo quatro pares laterais e uma mediana. A cauda só apresenta pelos na base.

O estudo deste grupo é dificultado pela sua raridade em coleções, pela falta de séries de uma mesma localidade e pelo afastamento das localidades representadas.

Tate (18, pag. 165) demonstrou que *tricolor* Geoff., 1803 é sinônimo estrito de *brevicaudata* Erxleben, 1777, por serem ambas as formas baseadas na mesma gravura de Seba (Thesaurus 1:50, pr. 31, fig. 6) 1734. Aplica-se, pois, o nome *Monodelphis b. brevicaudata* à forma que habita o território compreendido entre as Guianas e a margem esquerda do Baixo Amazonas, como provam os exemplares do Amapá (1 ♀ do rio Araguari e outro do rio Amapari), na coleção do Museu Goeldi. O nome *Monodelphis brevicaudata emiliae* Thos. aplica-se à forma que ocorre ao sul do Baixo Amazonas, desde o baixo rio Tapajós, em ambas as margens, até, como demonstram os presentes exemplares, o extremo sul da hileia. Também a localidade tipo de *emiliae* é Boim, e não Vila Braga como quer Vieira (23, pag. 350). Um macho de Taperinha, próximo a Santarem, identificado por Thomas como *M. brevicaudata*, obviamente pertence à forma meridional.

As duas formas podem ser diferenciadas como se segue:

M. b. brevicaudata Erxl. — Cor dorsal enegrecida até a altura dos olhos, com os flancos e lados da cabeça ferrugineos, ventre totalmente branco; cauda com pelos até a metade na face superior e cerca de um terço na inferior. Habita o norte do Baixo Amazonas.

M. b. emiliae Thomas — Cor dorsal predominantemente murino oliváceo, com flancos e lados da cabeça lavados de ferrugineo; ventre enegrecido, lavado de camurça ou ocre-fulvo; cauda com pelos só na base em ambas as faces. Habita o sul do Baixo Amazonas.

Acreditamos também que, mais tarde, *Monodelphis scalops* Thos., venha a ser declarada outra subespecie de *brevicaudata*, habitando a região litorânea do sudeste do Brasil, devido à sua grande semelhança com as formas acima.

Marmosa cinerea cinerea (Temm., 1824). 1 ♀, Gradaús, 9 ago.

Muito similar em aspecto e cor a um exemplar de São Benedito, no Ceará; contudo ha, no presente individuo, um tom mais forte de camurça acima do focinho, lados e partes ventrais da cabeça; o ventre também é pouco mais lavado dessa cor que no exemplar do nordeste. Cauda particolor.

Metachirops opossum quica (Temm., 1827). "Mucura xixica". 1 ♂, 2 ♀, Gradaús, jul. e ago.

Conforme comentário (4), vemos que a especie possui certa variação no colorido geral, sendo os exemplares da raça típica maiores e mais intensamente alaranjados nas partes claras; o que caracteriza a forma *quica* é a cor clara dessas manchas e o menor tamanho geral. Os exemplares acima pertencem à forma sulina, diminuindo muito a distribuição da população intermediária da região chegada a Belem.

CHIROPTERA

FAMILIA EMBALLONURIDAE

Rhynchonicteris naso (Wied, 1820). "Besta velha". 2 ♂, 3 ♀, Gradaús, 16 e 20 ago. (4 em alcool).

Este pequeno e característico morcego de focinho protendido é bastante comum nas margens dos rios. Colocam-se em fileiras verticais ou grupados, de cabeça para baixo, em troncos inclinados sobre a água e esvoaçam quando a canoa se aproxima a 3-4 metros, geralmente fugindo para a parte interna da intrincada mata ciliar. A altura observada variava entre 50 cm. e 1,50 m da superfície da água. As colônias compreendiam 6 a 10 indivíduos de ambos os sexos.

O colorido é um tanto variável, isto é, com mais ou menos branco-cinzento no agrisalhado. As estrias dorsais comentadas por Miranda Ribeiro (14) não foram observadas nestes exemplares, sen-

do melhor esboçadas estriações na cabeça, acima e abaixo das orelhas.

Saccopteryx bilineata (Temm., 1835). 2 ♀, Gradaús, um feto, 19 ago.

É esta a forma mais comum do genero, sendo as duas faixas lombares esbranquiçadas e nitidas, bem características. O exemplar de 19 de agosto, vivia com dois outros companheiros (não abatidos) numa cavidade dum cupinzeiro (termiteiro), na mata, preso a um cipó a cinco metros do solo.

FAMILIA VESPERTILIONIDAE

Eptesicus chapmani (J. Allen, 1915). 1 ♂, Gradaús, 31 ago.

Este interessante morcego é muito parecido com os especimes de *Myotis*, dos quais só difere externamente pelo aspecto das orelhas. Nosso exemplar é pouco menor que os medidos por Acosta y Lara (9, pag. 17) no Uruguai; é maior, contudo, que os de *hilarii* medidos por Vieira (19, pag. 407). Isso contraria a asserção de Allen (1, pag. 632), que diz ser esta forma menor que *hilarii*.

Achamos provavel que *chapmani* venha a se revelar como uma raça setentrional de *Eptesicus brasiliensis*.

FAMILIA DESMODONTIDAE

Desmodus rotundus rotundus (E. Geoff., 1810) "Vampiro verdadeiro". 3 ♂, Gradaús, ago. e set. (em alcool).

Já têm sido encontrados na região diversos exemplares desse verdadeiro vampiro, que é a forma mais comum da familia, não tão raro como supunham Goeldi & Hagmann (7).

Como os exemplares de *Diphylla ecaudata*, foram estes apanhados num galinheiro, indicando-nos que também sangram aves para sua alimentação, atraídos talvez pela hemorragia provocada pela outra especie. Foram observados até tres individuos sobre um mesmo animal (porco domestico), preferindo neles a taboa do pescoço e as orelhas como ponto de sangria.

Diphylla ecaudata ecaudata Spix, 1823. 2 ♂, 4 ♀, Gradaús, ago. e set. (3 em alcool).

Dos verdadeiros vampiros que vivem na Amazonia brasileira, este parece ser mais escasso que *Desmodus*, e parece

que ambos possuem habitos sanguivoros semelhantes, embora *Diphylla* prefira aves como vitimas. No local em que foram colecionados, atacavam tanto as aves abrigadas no galinheiro (*Gallus gallus*), como os porcos (*Sus scrofa*) que se encontravam em terreiro descampado, porem não nos foi possivel obter os morcegos que sangravam os porcos. Em ambos os casos contudo, causavam morte aos animais devido a insistencia em sangrar um mesmo individuo.

Difere da especie anterior, em apparencia externa, nas orelhas que são menores e arredondadas, no aspecto do nariz, ausencia de sulco labial, no polegar com metacarpo curto, na membrana interfemural em angulo e bem pilosa; para quem não os tenha visto juntos são de dificil identificação.

FAMILIA MOLOSSIDAE

Tadarida europis (H. Allen, 1889). 1 ♂, 12 ♀, Conceição do Araguaia, 27 jul.; 4 ♀, Gradaús, 30 jul. (15 em alcool).

Estes morcegos são muito proximos em dimensões a *T. brasiliensis* (I. Geoff.); contudo, diferem pelo numero de incisivos inferiores (dois em cada hemi-mandibula), e pelo tamanho menor da segunda falange do quarto dedo, que varia de 5 a 6 mm, no que também se situa entre os dois grupos de Shamel (17).

Foram capturados numa grande colonia no forro da igreja de Conceição, junto a *Molossus barnesi*, estes em bem menor quantidade; também foram coletados nas fendas de rochas na corredeira do rio Fresco. Andam perfeitamente apoiados nos polegares e nos pés; quando feridos, agarram-se com firmeza no substrato, dificultando sua retirada das fendas.

Molossus barnesi Thos., 1905, Ann. Mag. Nat. Hist., 15(s. 7): 584. 3 ♂, 4 ♀, Conceição do Araguaia, set. (em alcool).

Este pequeno morcego de rabo é insetivoro e vive em grandes colonias, às vezes com a especie anterior, em telhados e forros. É o primeiro a alçar voo ao crepusculo.

Vieira (20, p. 404) diz que varia tanto em cor como em habitat, já que tem sido registrado em folhas de palmeiras, ocos de arvores e em telhados de casas, o que deve ser o mais frequente.

PRIMATES

FAMILIA CEBIDAE

Aotes trivirgatus infulatus (Olfers, 1818) (*).
"Macaco da noite". 1 ♀, de Conceição do Araguaia, out. (pele e cranio).

Embora os Primatas hajam sido o grupo mais trabalhado na America do Sul, ha ainda muitos pontos obscuros, não só no genero *Cebus*, mas ainda em outros que aparentemente parecem bem definidos. *Aotes* é um deles. A despeito da tentativa de caracterização de Eladio Lima (10), principalmente das formas amazonias, têm sido identificados exemplares de *azarae* até na Ilha de Marajó, bem como exemplares de *infulatus* no sul do Amazonas (Eirunepé ou João Pessoa, no rio Juruá) e mesmo na Bolívia, o que não achamos muito provavel. Cabrera (3, pag. 10) e Hershkovitz (8) fazem interessantes comentarios sobre algumas formas descritas.

Supomos melhor separar provisoriamente *infulatus* de *azarae*, embora sejam formas muito difíceis de identificar isoladamente, conforme já comentava Cabrera. Sem as formas extremas, isto é, *azarae* e *trivirgatus*, respectivamente do Chaco e do alto rio Negro, é difícil estabelecer bases para o reconhecimento das subespecies, já que não resta duvida quanto às afinidades especificadas entre eles.

Tentamos abaixo uma separação preliminar das subespecies:

Aotes t. trivirgatus (Humb.) — Descrição baseada em 2 semi-adultos de Manacapuru, AM. Cabeça com manchas esbranquiçadas menos aparentes; riscas negras laterais fracas, a central mais nitida e mais ou menos reta; dorso finalmente agrisalhado, pelos mais curtos e faixa mediana distinta e fulvescente; antebraço, mãos e pés lavados de fulvo; base da cauda da cor do dorso, inferiormente mais amarelenta; ventralmente amarelo-ocre por igual, sendo no mento mais esbranquiçado e nos lados da garganta estreitados pela cor do dorso.

Aotes t. infulatus (Olfers) — Descrição baseada em tres adultos, um desta coleção e dois do lago Arari, no Marajó. Cabeça com nitidas manchas brancas, listra mediana forte e romboidal, laterais bem aparentes; dorso bem tra-

cejado, sendo na região mediana lavado de fulvescente, não formando contudo faixa; ventre amarelo-ocraceo em toda a superficie; cauda na face superior basal ocre-fulvo (tracejado de negro) e enegrecida para a ponta; mãos e pés como o dorso.

Aotes t. azarae (Humb.) — Descrição e figura de Cabrera, 1939. Cabeça como o anterior, dorso também, descrito como mistura de negro, branco e amarelento; ventre ocraceo, tirante ao ocre-laranja no meio do abdomen e com mais branco no mento e garganta; cauda na base ocre-laranja, bem como a região sacral.

Nosso exemplar do rio Fresco é perfeitamente identico aos dois outros da coleção proveniente do lago Arari, na ilha do Marajó.

Alouatta caraya (Humb., 1811) "Guariba preto". 1 cranio, de Gradaús.

Parece tratar-se da espécie acima, já que têm sido determinados exemplares com pele em Conceição do Araguaia (10), e no rio das Mortes (21), sendo também observados na margem do rio Xingu.

Provavelmente sua area de distribuição ao norte alcance o sul do Estado do Pará, entre os rios Xingu e Araguaia.

Pithecia satanas satanas (Hoff., 1807). "Cuxiu".

Chiropotes satanas, Vieira, 1955:381. 1 ♀, de Gradaus, set. (pele e cranio).

Até o presente têm sido diversamente fundidos ou separados os generos *Pithecia* e *Chiropotes* (com os genotipos *Simia pithecia* e *C. couxio*), sem qualquer comentario, exceto em Miranda Ribeiro (15) e Eladio Lima (10). Não ha verdadeiramente qualquer diferença apreciavel no cranio e nos habitos das referidas formas de macacos amazonicos que justifique diversificação dos generos; talvez se muito, querendo subdividi-los, poderíamos ter, de um lado, individuos bastante peludos e de outro, com pelos curtos no corpo. Quando muito poderíamos considera-los subgeneros.

Pelo material atualmente no Museu Goeldi, vemos claramente que a forma acima tende a tornar-se mais enegrecida no dorso à proporção que se afasta para leste do municipio de Belem, sendo os exemplares do Maranhão bem bruno-enegrecidos, quase como na cor da cabeça, membros e cauda; para oeste, desde a margem direita do rio Ama-

(*) O nome de Olfers (1818, *Noue Bibliot. Reiseb. Erweiterung Erd-und Völk.*, 15: 201; Brasil), antedata *infulatus* Kuhl, 1820).

zonas em sua foz (rio Pracupi) a cor dominante é mais clara, bruno-havana (acastanhado), tornando-se nos exemplares do sul de sua área de dispersão (rio Fresco) quase unicolores, mais escuros entretanto que o do rio Pracupi.

As populações que vivem ao norte e ao sul do Baixo Amazonas têm sido consideradas respectivamente como pertencentes a espécies diferentes: *P. chiropotes* e *P. satanas*, exceto, em prováveis erros de identificação. Parece-nos, todavia, que se trata de formas de uma mesma espécie, diferindo apenas um pouco em tamanho e cor, funcionando o Baixo rio Amazonas como divisor natural entre as raças.

FAMILIA CALLITHRICIDAE (*)

Leontocebus tamarin umbratus (Thos., 1922).
"Guaribinha". *Marikina tamarin umbratus*,
Vieira, 1955: 396. 1 ♀, de Gradaus, set. (pele e crânio).

É o exemplar acima separável das populações de Belém e arredores pelo fino agrisalhado no dorso posterior (como na descrição original de Thomas), bem como pelo manto mais alongado pelas espaduas. Desse modo, os rios Tocantins e Araguaia servem como limitantes para a raça típica *tamarin*, que se distribui daí para leste até o Maranhão (provavelmente o rio Gurupi ou Meaurin), ao passo que, entre o Tocantins e o Xingu habita o *L. tamarin umbratus*. Um exemplar do rio Moju, no Museu Goeldi, confirma esta transição para a raça *umbratus*, da qual mais se aproxima.

RODENTIA

FAMILIA SCIURIDAE

Sciurus gilvigularis paraensis (Goeldi, 1904).
"Coatipuru". 1 ♀, de Conceição do Araguaia,
5 out. — 1 ♂, 1 ♀, de Gradaus, 19 set. e
10 de out. — 1 ♀ do Riosinho, 26 ago.

Estes exemplares, quando comparados à forma típica de Belém, mostram-se ainda mais oliváceos que rufescentes; entretanto, os pelos da cauda possuem as pontas brancas. De *S. poaiae* (12) difere pela cor do dorso, que, pela descrição, é muito mais escuro, embora

geograficamente fiquem os presentes espécimes a meio entre as localidades tipo das formas acima mencionadas.

As medidas de *poaiae* e *paraensis* são muito próximas, apesar da distância entre as localidades-tipo. As diferenças apontadas por Moojen (11) no M² não se mostram muito no material que temos.

FAMILIA CRICETIDAE

Nectomys squamipes mattensis Thomas, 1904.
"Rato d'água". 1 ♂, de Gradaus, 6 set.

Este rato d'água apresenta-se com superfície dorsal bruno-amarelo, sendo a região mediana muito tracejada de negro, até a cabeça. No ventre predomina o branco, levemente lavado de ocre. Ao contrário, pois, dos exemplares de *N. s. amazonicus* do Baixo Amazonas, bem como de um exemplar de Viçosa, Alagoas (*N. s. squamipes*), os quais são bem mais ocre fulvo no dorso.

Zygodontomys cf. tapiraipoanus (J. Allen, 1916).
1 ♂, de Gradaus, 6 set.; 1 ♂, 2 ♀, do Riosinho, ago. e set.

Quando comparados ao único material disponível (um exemplar de *Z. pixuna* de Pernambuco) vemos claramente a semelhança entre eles; contudo nossos espécimes são apenas mais rufescentes na primna e possuem a região supra-ocular ocre puro. O abdômen é lavado de amarelo pouco mais carregado que o do exemplar nordestino (semelhante a *Akodon arviculoides* dessa mesma região) com um pouco mais de cinzento; daí a inclusão dos exemplares na forma acima.

As medidas cranianas também os colocam entre as formas *pixuna* e *tapiraipoanus*; contudo são um tanto maiores que as de *fuscinus* Thos., donde a exclusão deste.

Oryzomys utiaritensis (J. Allen, 1916). *O. matogrossae*, J. Allen, 1916: 528. 7 ♂, 5 ♀, de Gradaus, ago. e out. (4 jovens).

O colorido dorsal da série acima varia claramente entre o fulvescente e o amarelo ocre com o tracejado de negro, mais fulvo na primna, variável nos flancos; a superfície ventral desde o branco puro com base dos pelos ardósia até o lavado de camurça, principalmente entre os membros anteriores e posteriores, unindo-se nos flancos.

(*) Corretamente CALLITHRICIDAE, não CALLITHRICHIDAE Thos., 1903. Do grego, latinizado: *Callithrix, icis*.

Os tipos de ambas as espécies provêm da mesma localidade, Utiariti, no rio Papagaio, em Mato Grosso. O tipo de *utiaritensis* é uma fêmea adulta, e ha um paratipo de sexo não mencionado, muito mais jovem; o tipo de *mattogrossae* é um macho adulto, e ha também um paratipo, de sexo não mencionado, coletado em Guatsué, localidade próxima. Allen (2, pag. 528), lembra mas não cre na possibilidade de que as diferenças entre as formas por ele propostas possam ser devidas a variações de colorido. Nossa serie demonstra o contrario, pois são encontrados todos os graus de transição entre os dois tipos vistos por Allen.

Na serie observada, os machos comumente possuem comprimento da cabeça e corpo maior que a cauda, assim como o cranio é um pouco maior; nas fêmeas a proporção é inversa nas medidas externas, e pouco menor no comprimento total do cranio e serie molar.

Oecomys paricola (Thos., 1904) 3 ♀, de Gradaus, ago. — uma ♀ com tres fetos em 3 ago.

São caracterizados pelo dorso escuro, com flancos mais palidos com negro; ventre inteiramente branco da cabeça à região inguinal, sendo o resto do abdomen predominantemente ardosia lavado de branco, devido às pontas dos pelos; cauda enegrecida com apice (pínel) enegrecido.

Oecomys milleri, J. Allen, 1916. 1 ♂ e 2 ♀, de Gradaus; uma com 3 fetos em 1 ago.

Estes exemplares possuem dorso fulvescente, com menos preto no tracejado, flancos mais claros e com mais ardosia; ventre totalmente branco, inclusive a base dos pelos; cauda pouco tufoza na parte apical (pínel).

FAMILIA CAVIIDAE

Galea spixii palustris (Thos., 1911). "Preá". 1 ♂, 8 ♀, de Gradaus, ago. e set. (3 jovens).

Neste exemplares falta a mancha esbranquiçada post-auricular; contudo, as estreitas faixas infra e supra-oculares estão presentes. O dorso varia do brunaceo até o fulvo claro, com o tracejado diminuto, sendo os flancos algumas vezes destacados abruptamente do ventre, outras não. A superficie abdominal varia também do branco sujo ao amarela-

do ou ocre claro, cor essa que chega aproximadamente até a altura das patas anteriores; na base dos pelos acizentados.

FAMILIA DASYPROCTIDAE

Dasyprocta sp. "Cutia" 1 ♀, de Gradaus, ago. — 1 ♀, do Riosinho, set.; 1 ♀, de Conceição do Araguaia, out.

É muito problematica a identificação das cutias de dorso posterior amarelo-laranja na Amazonia, como em todo o Brasil e provavelmente na America do Sul, devido à gama de variações no colorido geral, nas faixas enegrecidas dos aristiformes ou pelos unicolores, bem como na cor do ventre, com ou sem faixa mesial branca.

Os exemplares de Gradaús e Riosinho possuem o dorso posterior flamejante de *croconota*, com visível tendencia a formar o tão comum negro fuliginoso da *prymnolopha*, aceita até o presente como forma do nordeste do Brasil. Há nela pelos tricolores e levemente bicolores: alguns pelos aristiformes são brancos na base (2 mm), amarelos até cerca do meio e daí para a parte apical com 4 aneis negros e laranja, fulvescentes; outros, com diminuto anel enegrecido na base (menos de 0,5 mm), uma parte amarela e o resto fulvescente.

O exemplar de Conceição é próximo à forma *aurea*, pois possui decididamente a parte posterior do dorso amarela, sendo todavia o meio da primna também enegrecido. Os aristiformes são identicos aos da forma anterior, mais palidos entretanto, com tres aneis; os pés entre amarelados e olivaceos, e o meio do dorso (entre anterior e posterior) mais rufescente, como a anterior.

Não possuindo o Museu Goeldi bom material representativo para uma comparação mais esclarecedora, deixamos de identificar provisoriamente este material.

Cuniculus p. paca (Linné, 1760). "Paca". 1 ♂, 8 ♀, de Gradaús, ago. (5 com fetos).

Muito comum na região e muito caçada. À noite frequentam as margens dos rios onde são facilmente abatidas quando encandeadas. No igarapé da Ponte, pouco acima de Gradaús (Gorotire) encontramos a margem barrenta e

com grande declive (o barreiro), arranhada pelos incisivos de diversas pacas.

No sul da Amazonia, como no Rio de Janeiro, e provavelmente em todo o Brasil, as pacas reproduzem-se entre julho e agosto, sendo neste mes observados por nós exemplares em varios estagios de prenhes.

FAMILIA ECHIMYIDAE

Proechimys guyanensis leioprimum Moojen, 1948. "Soiá". 1 ♂, 1 ♀, de Gradaús, a ♀ com 3 fetos em 19 ago.

Coincidem com a descrição de Moojen (12), sendo que, num dos exemplares, o pm 4 (lado esquerdo) possui mais um contrassulco; no outro, o m2 tem tendencia para coalescencia. A femea estava prenhe e abortou ao ser capturada.

Echimyus cf. obscurus (Wagner, 1840). "Coró". *Lonchelys obscura* Wagner, 1840: pl. 2 figs. 5, 12. 1 ♀, de Gradaús, com um feto em 1 ago.

Provisoriamente identificamos o espécime acima como *obscurus*, sem restrição de localidade tipo (Brasil), nem diagnose mais detalhada que em Moojen (12, pag. 134). A forma não foi alistada em Vieira (*loc. cit.*) para o Brasil, e Moojen a considerava provavel subespecie de *armatus*, habitando o Pará e o Maranhão.

É o exemplar ocre-amarelento superiormente (mais ou menos "Jaune 250", de Séguy) tracejado abundantemente de negro, mais ferrugineo no focinho e alto do abdomen posterior; base da cauda enegrecida em cima e ferruginea em baixo; flancos mais amarelo limão. Aristiformes da região dorsal (um pouco acima da cintura escapular) medindo 24.9 x 1.1 mm, transparentes na base e tornando-se enegrecidos na parte apical, seguindo-se um prolongamento bem fino; pelos setiformes lombares com 28 mm, de colorido diferente, enegrecidos, com anel sub-distal ocre-amarelo de cerca de 2.4 mm.

As medidas são bem maiores que as atualmente conhecidas para a pele, sendo as do cranio desconhecidas; 225, 230, 37, 15 — 54.8, 44.5, 25.74, 12.76, 11.32, 11.16 (cabeça e corpo, cauda, pé posterior, orelha; comprimento maximo do

cranio, basal, largura zigomatica, constricção, serie molar superior e inferior).

Muito comum à noite nas arvores da beira do rio, porem dificil de capturar; sua bem audível e possante voz, o tão caracteristico "cró", o denuncia facilmente; entretanto, a qualquer movimento nas proximidades, silencia.

CARNIVORA

FAMILIA CANIDAE

Dusicyon thous azarae (Wied, 1824). "Cachorro do mato". 1 ♀, de Gradaús, ago. (pele aberta e cranio).

Este foi o unico canideo abatido. Segundo Vieira (21, pag. 115), é comum no Brasil central e meridional. Apresenta o meio do dorso negro, cabeça bem escura, e as pernas enegrecidas da rotula para os pés; a cauda é predominantemente negra, somente clara inferiormente. As orelhas são enegrecidas na parte apical e ferrugineas na face posterior, dorsal, com uma mancha basal posterior.

Comum no local, frequentando campos e capoeiras, bem como praias, onde vimos inumeros rastros e buracos feitos a fim de retirar ovos de tracajá (*Podocnemis sp.*), postos nas referidas praias à noite na época de maior vasante, entre julho e setembro de cada ano quando são expostos trechos arenosos. Perambulam nas praias e campos, geralmente pela madrugada.

FAMILIA PROCYONIDAE

Nasua nasua rufa Desm., 1820. "Coati". 1 ♂, de Riosinho, 29 ago.

As subespecies de coatis no Brasil, tão controvertidas, ainda não se apresentam bem definidas, mesmo no Baixo Amazonas, como julga Vieira (21, pag. 115). É mais aceito o nome *rufa* para a forma do sul da foz do rio Amazonas, devido à incidencia de especimes de cor vermelho-ruivo, ou vermelho ferrugem, região medio-dorsal, mãos e pés enegrecidos ou não. Entretanto, esse comunissimo animal tem aparecido vivo na area de Belem, com diferentes tons e mesclas de cores, principalmente o brunoscuro. Infelizmente o material atual do Museu Goeldi é ainda insuficiente para uma melhor apreciação.

O exemplar acima é inteiramente ver-

melho, com mãos e pés enegrecidos. Vimos tres, num tufo de bromelias preso a um ramo de arvore na fralda do morro; após o tiro, espalharam-se pelos galhos e pularam ao solo, onde desapareceram às carreiras.

Potos flavus chapadensis J. Allen, 1904. "Jupará". 1 ♂, de Conceição do Araguaia, 1 out.

Das sete raças geograficas aceitas de *Potos flavus*, somente duas ocorrem até o presente em nosso território (22), distribuindo-se a especie desde a America Central até aproximadamente o paralelo 10° S.

Como nota Tate (18, pag. 198), a sistemática deste genero ainda é confusa, não se sabendo nem mesmo a que grupo pertence a raça típica. Não resta duvida, porem, de que nosso exemplar deva ser atribuído à *chapadensis*, isto é, ao grupo de formas pequenas.

A cor é muito proxima ao amarelo-havana (mais ou menos ao "Rouge 133", de Séguy), com a ponta dos pelos enegrecida, e com faixa dorsal distinta; cabeça, mãos, pés e ponta da cauda enegrecidos.

FAMILIA FELIDAE

Felis wiedii cf. vigens Thos., 1904. "Maracajá". 1 ♂, de Gradaús, 6 ago.; 1 ♂, do Riosinho, 3 set. (só cranio).

Ambos provavelmente pertencentes à subespecie *vigens* Thos., embora não nos fosse possível o aproveitamento dos couros; contudo, o tamanho da cauda desses gatos, maior que a metade da cabeça e corpo, indica sua inclusão na forma acima. Do primeiro exemplar foram preparados o esqueleto e o cranio, mas perdidos. O segundo é jovem e está com o cranio esfacelado; contudo o dente carniceiro mede 9.2 x 5.0 mm, muito menor que o exemplar tipo de Thomas, que tem 11.6 mm.

O de Gradaús, que foi abatido à noite, estava com restos de Caviidae no estomago.

Panthera onca (Linné, 1758) "Onça". 1 cranio de Santa Isabel, Ilha do Bananal, Goiás.

Das tres raças geograficas alistadas para o Brasil, é a forma típica a de mais ampla distribuição, segundo autores diversos; entretanto, como outros mamíferos de maior porte, sua area de vida é muito ampla, suas adaptações ecoló-

gicas muito extensas, e as coleções, a nosso ver, insuficientes para reconhecimento de formas subespecificas.

Muito frequente nas beiras dos rios, nas praias (a julgar pelos rastros), campos e encostas de serras com matas para abrigo. O autor não as encontrou, embora visse rastros frescos, de questão de horas; o pessoal do pôsto e os indios comumente as encontram e ouvem seus esturros nesta época (agosto).

ARCTIODACTYLA

FAMILIA TAPIRIDAE

Tapirus terrestris terrestris (Linné, 1758). "Anta". 1 ♀, de Gradaús, ago.; 1 ♂, 1 ♀, de Riosinho, set. (cranios).

São correntes as afirmativas, entre leigos, da existencia de duas formas de antas em nossas matas; todavia somente uma até o presente tem sido encontrada pelos especialistas, ou seja, a grande, de orelhas franjadas de branco nas bordas anteriores e apical e na base do pavilhão, com grande parte da maxila e parte inferior da cabeça e garganta acinzentadas.

Comum no Riosinho, em poços, nos igarapés e furos, na mata, onde passa o dia, às vezes até mesmo no proprio rio, em locais não muito frequentados; à noite perambula pela floresta, fazendo trilhas que são também usadas por outros animais. Muito caçada por indios e habitantes locais; mais escassa no rio Fresco.

FAMILIA TAYASSUIDAE

Tayassu tajacu tajacu (Linné, 1758) "Caitetú". 1 ♂, de Gradaús, set. (pele e cranio).

Muito comum, principalmente em Kubenkrankégn, onde é frequentemente caçado pelos indios; no rio Fresco é menos abundante.

FAMILIA CERVIDAE

Mazama a. americana (Erxl., 1777). "Veado mateiro". 2 ♀, de Gradaús, ago. e set.; 1 ♀, de Riosinho (pele aberta).

Esta forma é caracterizada pelo tamanho maior, pela cor ruivo canelina dos pelos; alto da cabeça e pescoço com forte lavado de enegrecido, que parece variavel com a idade, tornando-se acen-

tuadamente mais forte nos exemplares velhos.

As medidas do animal, assim como do cranio e dentes são maiores que os da especie *simplicicornis*; o habitat tambem difere, já que o "mateiro" prefere as matas, enquanto o "catingueiro" é proprio dos cerrados a caatingas, sendo raro nas matas secundarias da região.

Ozotoceros b. bezoarticus (Linné, 1766). "Veado campeiro". 2 ♂, de Riosinho, set. (pele aberta e cranio); 1 ♀, da Ilha do Bananal, Goiás (cranio).

Quanto ao desenvolvimento da galhada, estes veados brancos, de acordo com a sinopse de Pires (13) e com as figuras do elucidativo trabalho de Goeldi (6, est. 2), demonstram tratar-se de um individuo de, provavelmente, quatro anos (figs. 5 e 31) e de outro já bem adulto (figs. 22 e 23). Ambos têm serie molar desenvolvida; entretanto, em um deles, a haste principal começa apenas a bifurcar-se (lado esquerdo), ao passo que, no outro, o aspecto é o normal da galhada de três pontas, aproximadamente paralelas.

Quanto ao modo de vida, encontrei-os juntos entre 10 e 11 horas do dia, passando descuidadamente no sopé da serra, no campo sujo. Segundo os nativos, estariam procurando local para deitar. Vimos outro exemplar no planalto; percebendo-nos, disparou, seguindo traje-

toria que passava perto de nós, mostrando sua soberba elegância e, a tão notada posição erecta da cauda branca, com disposição de fuga prolongada, ao contrario, pois, das assertivas de que sua disparada é curta.

A queda dos chifres parece dar-se em fevereiro (Miller, *in* 2, pag. 592), e não em julho, conforme Azara. A especie foi colecionada em julho (talvez já com galhas nuas) por Miranda Ribeiro (14, pag. 33), aos pares e com fetos. Afirmam os habitantes locais que vivem em pequenos bandos na época das chuvas, o que tambem comenta Miranda Ribeiro.

É ainda de certo interesse notar que os indios da região conhecem e distinguem dois tipos de veados galheiros: o pequenos ou "móri" e o grande, ou "adioti". Provavelmente o ultimo seja o cervo do pantanal, desde que, durante o inverno, as condições não lhe sejam adversas e exemplares têm sido identificados no rio das Mortes (21, pag. 120), não muito longe, ao norte de Mato Grosso, em campos extensos que se continuam com os do sul do Estado do Pará.

GLOSSARIO

Apresentamos, a seguir, um glossario dos nomes indigenas (Kayapó), para os mamiferos da região; os nomes baseados em exemplares capturados são assinalados com um asterisco.

Nome indigena	Popular	Cientifico
adioti	cervo-do-pantanal	<i>Blastocerus dichotomus</i>
angrô	queixada	<i>Tayassu pecari</i>
* angrure	caietu	<i>Tayassu tajacu</i>
* amiôre	rato pequeno	<i>Cricetidae</i>
bu	guará, lobo	<i>Chrysocyon brachyurus</i>
dio-tire	cangambá	<i>Conepatus sp.</i>
* iêkre	cuxiu	<i>Pithecia satanas</i>
* imê-êtire	maracajá	<i>Felis sp.</i>
káire	coelho	<i>Sylvilagus brasiliensis</i>
* kró	rato toró	<i>Echimys sp.</i>
* króu	preá	<i>Galea spixii</i>
* kramukróque	coatipuru	<i>Sciurus gilvicularis</i>
kunum	capivara	<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i>
* kubú	guariba	<i>Alouatta caraya</i>
kukói	macaco-prego	<i>Cebus sp.</i>
kukói-kaó	coatá	<i>Ateles b. marginatus</i>
* kukéine	cutia	<i>Dasyprocta sp.</i>
* kukrít	anta	<i>Tapirus terrestris</i>
krokókre	irára	<i>Tayra barbara</i>
* mére-lhomet	raposa	<i>Dusycion thous</i>

Nome indigena	Popular	Cientifico
* morêti	maracajá	<i>Felis sp.</i>
* muru-êtire	maracajá	<i>Felis sp.</i>
* móre ou móri	veado-campeiro	<i>Ozotoceros bezoarticus</i>
* ñiadiô	veado-mateiro	<i>Mazama americana</i>
* niêpre	morcêgos	<i>Chiroptera</i>
* ngrá	paca	<i>Cuniculus paca</i>
* ninharí	mucurinha	<i>Marmosa cinerea</i>
* nhacone	jupará (?)	<i>Potos flavus</i> (?)
nhakrotí	mucura	<i>Didelphys sp.</i>
nhê	ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>
* róp-re	cachorro domestico	<i>Canis familiaris</i>
* róp-tiere, róp-tukre	onça-preta	<i>Panthera onca</i> (fase melanica)
róp-krorí	onça-pintada	<i>Panthera onca</i>
róp-motí, rópkambrik	onça-vermelha	<i>Felis concolor</i>
tôn	tatu	<i>Dasypodidade</i>
* uaconre	coati	<i>Nasua nasua</i>

A transcrição dos nomes acima talvez não seja perfeita. No entanto, eles representam informações obtidas à vista de exemplares capturados (assinalados com asterisco na lista), ou se referem a espécies bem conhecidas dos índios que falam bem o português.

Naturalmente porém, em alguns casos ha duvida. Assim:

1. "Móri" é *Ozotoceros bezoarticus* e não *B. dichotomus*, sendo a este provavelmente dado o nome de "adiotí". Ao "mateiro" também os índios Kuben-krankégn dão o nome de "niadjô" ou "niadiou". Não apanhamos nenhum "catingueiro", daí não entrarmos em cogitações quanto ao nome indigena.

2. No que concerne às onças, é bastante comum a denominação de "róp-túk-re" para a onça melanica, mas alguns índios Gorotires informaram chamar-se ela "rop-tié-re"; para a suçuarana, a mesma coisa. A cor provavelmente nem sempre vem ligada ao nome do animal, como "tukre" e "kambrik".

3. O nome "kró" é dado, talvez onomatopaicamente a um rato de espinho (*Echymys sp.*) arboricola; enquanto a denominação de preá é "króu".

4. Os maracajás *Felis sp.* e o cachorro do mato (*Dusycion sp.*) recebem denominações varias, segundo nossas observações, não sendo possível esclarecer se se trata de varios nomes para a mesma forma ou se os índios reconhecem as diversas formas aparentadas.

5. "Nhê" creio usarem para as lon-

tras (*Lutra sp.*) e ariranhas (*Pteronura brasiliensis*) indiferentemente; contudo, a primeira atribuição não foi confirmada.

REFERENCIAS

- 1 — ALLEN, J.: New South American Mammals. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 34(22): 625-34, 1915.
- 2 — IDEM: New Mammals collected on the Roosevelt Brazilian Expeditions. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.*, 35(27): 523-30, 1916.
- 3 — CABRERA, A.: Los Monos de la Argentina. *Physis*, 16: 3-29, 1939.
- 4 — CARVALHO, C.: Alguns mamíferos do Acre ocidental. *Bol. Mus. Goeldi*, 1: 1-22, 1957.
- 5 — DUCKE, A. & BLACK, G.: Notas sobre a fitogeografia da Amazonia Brasileira. *Bol. Téc. I.A.N.*, 29: 1-62, 1954.
- 6 — GOELDI, E.: Estudos sobre o desenvolvimento da armação dos Veados Galleiros do Brasil. *Mem. Mus. Goeldi*, 3: 23-30, 1902.
- 7 — GOELDI, E. & HAGMANN, G.: Prodomo de um Catalogo critico, comentado da coleção de mamíferos do Museu do Pará (1894-1903). *Bol. Mus. Goeldi*, 4(1): 38-122, 190, 1904.
- 8 — HERSKOVITZ, P.: Mammals of Northern Colombia, n.º 4: Primates. *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 98 (n. 3232): 323-427, 1949.
- 9 — LARA, E. ACOSTA Y: Quiropteros del Uruguay. *Com. Zoo. Mus. Montevideo*, 3(58): 1-71, 1950.
- 10 — LIMA, ELADIO: *Mamíferos da Amazonia: Primates*. Rio de Janeiro, vol. 1, 349 p., 42 ests col., 1944.
- 11 — MOOJEN, J.: Sobre os Ciurideos das coleções do Museu Nacional, do Departamento de Zoologia de São Paulo e do Museu Paraense Emilio Goeldi. *Bol. Mus. Nacional, n. s., Zool.*, 1: 1-47, 1942.

- 12 — IDEM: *Os Rocdores do Brasil*. Inst. Nac. Liv., R. de Janeiro, Ser. A, n.º 2, 214 p., fgs., 1952.
- 13 — PIRES, F. AVILA — Um novo genero para o "Cervo" ou "Veado do Pantanal". *Bol. Mus. Nacional, n. s., Zool.*, 153:1-10, 1947.
- 14 — RIBEIRO, A. MIRANDA: *Zool., Mamiferos. Com. Linhas Teleg. Estrat. MT.-AM.*, Anexo n.º 5, 49 p., 1914.
- 15 — IDEM: *Comentaries on South American Primates: Mem. Inst. Osw. Cruz*, 35(4): 779-851, 1940.
- 16 — SEGUY, E.: *Code Universal des Couleurs*. Paris, 1936.
- 17 — SHAMEL, H.: Review of the genus *Tadarida* (*Nyctinomus*)... *Proc. U. S. Nat. Mus.*, 78(19):9-27, 1931.
- 18 — TATE, H.: The mammals of the Guiana Region. *Bull. Amer. Mus. Nat. Hist.* 76(5):151-229, 1939.
- 19 — VIEIRA, C. DA C.: Ensaio Monografico sobre os Quiropteros do Brasil. *Arq. Zool. Est. S. Paulo*, 3(8):219-471, fgs., 1942.
- 20 — IDEM: Sobre uma coleção de Mamiferos de Mato Grosso. *Arq. Zool. Est. S. Paulo*, 4(10):395-429, 1945.
- 21 — IDEM: Notas sobre os Mamiferos obtidos pela Expedição Butantan ao Rio das Mortes. *Pap. Avulsos Dep. Zool., S. Paulo*, 10(4):105-25, 1951.
- 22 — IDEM: Sobre o "jupará" do nordeste do Brasil. *Pap. Avulsos Dep. Zool. S. Paulo*, 11(3):33-6, 1952.
- 23 — IDEM: Lista Remissiva dos Mamiferos do Brasil. *Arq. Zool. Est. S. Paulo*, 8(11):341-474, 1955.